

mazens do lazareto para serem beneficiados não se possam ali demorar, depois de se lhes ter dado livre prática, mais de três dias, e findo este prazo, salvo o caso de força maior, sejam removidos para a mencionada casa fiscal; ficando o referido conselho autorizado para, no caso contrario, mandar fazer a remoção por conta dos navios, os quaes não poderão ser desembarcados senão depois de se terem demitido a fazenda publica da despeza que se houver feito com essa remoção. O que o mesmo augusto senhor manda comunicar-lhe para sua intelligencia e devido cumprimento, e para que faça publicar a presente portaria por editaes affixados na praça do Commercio, e mais logares do costume. Paço, em 16 de janeiro de 1860.—*José Maria do Casal Ribeiro*.—Para o conselheiro director da alfandega grande de Lisboa.

E para assim constar mandei publicar este no *Diário de Lisboa*, e affixar outros identicos nos logares do estilo.

Alfandega grande de Lisboa, 23 de janeiro de 1860.—O secretario, *Manuel Teixeira Basto*, o fiz escrever.—*Antonio dos Santos Monteiro*.

REPARTIÇÃO DE FAZENDA DO DISTRITO DE LISBOA

Pela repartição de fazenda do districto de Lisboa se annuncia que no cofre central do ministerio da fazenda começará o pagamento do vencimento do mez de janeiro corrente, respectivo aos titulos de renda vitalicia, com assentamento n'este districto, tanto ás classes comprehendidas no decreto de 23 de agosto de 1843 e 30 de março de 1844, como ás de consideração de que trata o de 15 de maio de 1845, pela forma seguinte:

No dia 1 de fevereiro n.º	6 a	1624
3	6325	6502 Consideração
4	1625	2293
7	6504	6828 Idem
8	2296	3409
9	6881	7894 Idem
10	3412	4234
11	7895	9452 Idem
14	4235	5340
15	9470	10205 Idem
16	5342	6808
17	10207	10621 Idem
18	6811	9443
22	10626	11179 Idem
23	9446	10508
24	11201	11762 Idem, e todos os que se enquadram nestes titulos, em diante

Declarar-se que os recibos que deixarem de ser pagos nos dias acima marcados só serão satisfetos nas segundas feiras seguintes.

Repartição de fazenda do districto de Lisboa, 28 de janeiro de 1860.—O delegado do thesouro, *João Felis Alves de Minhava*.

CORPO DE ENGENHARIA

ARCHIVO MILITAR

Pelo commando geral do corpo de engenharia se faz publico que em virtude das ordens do governo de Sua Magestade está aberto concurso de trinta dias, contados da ultima publicação do presente aviso no *Diário de Lisboa*, para se proverem no archivo militar dois logares de desenhador de 2.ª classe.

No caso que o provimento d'estes logares venha a recahir em desenhadores da 3.ª classe, poderão ser propostos ao governo, para preencherem as vagas que ficarem existindo na dita classe, candidatos que houverem concorrido n'este mesmo concurso, e forem para isto aptos.

Igualmente se annuncia, para conhecimento dos concorrentes, as seguintes disposições:

1.ª Este concurso será feito perante um jury, composto do commandante geral do corpo de engenharia, dois chefes de secção do archivo militar, e dois lentes de desenho da escola do exercito.

2.ª Aquelles que pertenderem oppor-se aos mencionados logares deverão, dentro do prazo marcado, dirigir os seus requerimentos ao commandante geral de engenharia, acompanhados de documentos, por onde proveem que não têm menos de dezesseis annos de idade; que não padecem molestia contagiosa, e possuem a necessaria aptidão physica para poderem regularmente cumprir com os seus deveres; que têm bom comportamento moral, civil e religioso; e que têm satisfeito ás disposições do artigo 54.º da lei de 27 de julho de 1855, relativamente ao recrutamento.

3.ª São os concorrentes obrigados a passar por um exame de provas publicas, que constará de: 1.º um desenho (copia e redução) de obra de fortificação, traçado e lavado a tinta da China, ou a sépia; 2.º um desenho de topographia, que será feito em vista de um esboço e de indicações dadas ali mesmo para este trabalho, o qual abrangerá distincta e successivamente a delineação dos contornos a tinta da China, e igualmente dos traços que representam na configuração das montanhas as linhas de maior declive entre as curvas de nível—as agnadas destinadas a fazer sobresahir o relevo do terreno, suppondo a luz obliqua—as tintas que representam as culturas segundo as convenções usadas—a representação de todos os mais objectos que incluír o esboço, conforme as referidas convenções; 3.º um desenho de arquitectura, que consistirá em reduzir a desenho definitivo a agnatura, conforme as indicações que se derem, o esboço de um edificio que figurará como principal ou unico objecto importante de uma pequena paisagem, a phantasia de cada concorrente; 4.º a delineação perspectiva e linear de um instrumento, ou outro objecto que for apresentado na occasião do exame; 5.º a delineação de todos os accessorios dos ditos desenhos, segundo for exigido pelas indicações dadas para este fim; 6.º os membros do jury, por ultimo, poderão dirigir a cada candidato as perguntas que lhes parecerem necessárias sobre a execução dos trabalhos que tiver executado.

4.ª Alem do exame que fica referido deverão os concorrentes apresentar, como habilitações indispensaveis, documentos de approvação nas seguintes disciplinas: leitura, escripta, grammatica e composição portugueza, conhecimento da lingua franceza, arithmetica, geometria descriptiva, desenho do architectura, figura e topographia, e conhecimento dos signaes convencionaes adoptados para o desenho propriamente militar.

5.ª Para se effectuarem as provas que ficam immuneradas na 3.ª disposição se destinará, suppondo-se até quatro horas de trabalho por dia, para o desenho de fortificação tres dias, para a topographia quatro, para a architectura e paisagem cinco, para a delineação de um instrumento um dia.

6.ª Depois de concluidos todos os exames, o jury passará a votar por escrutinio secreto, para o preenchimento de cada logar, estabelecendo-se assim a preferencia de cada candidato a respeito dos mais; advertindo-se que no caso de concorrer algum dos desenhadores do antigo archivo se lhe levarão em conta, em igualdade de circumstancias, os trabalhos feitos no mesmo archivo. Em seguida votará o jury pelo mesmo modo sobre a admissibilidade de cada candidato, assim escolhido, a ser proposto a Sua Magestade para o mesmo logar.

7.ª Passado o termo do concurso acima indicado, se annunciarão os nomes dos candidatos, os dias

dos exames, e as disposições regulamentares que for preciso publicar.

Secretaria do commando geral de engenharia, 23 de janeiro de 1860.—*Ignacio Justino Chispiniño Chianca*, secretario do corpo de engenharia.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

A camara municipal de Lisboa faz publico que tendo de ser renovadas as ossadas dos finados sepultados desde 6 de novembro de 1851 até 31 de outubro de 1856 no cemiterio do Alto de S. João, que se acham nos covaes que comprehendem os numeros de 1 até 3851, e por terem vencido os cinco annos marcados no artigo 9.º do regulamento dos cemiterios publicos, assim se annuncia para que os interessados, que quizerem remover algumas das ditas ossadas para jazigos, o possam fazer até ao dia 30 de Abril proximo, porque findo este prazo se mandará desocupar o terreno em observancia do mencionado regulamento.

Camara, 28 de janeiro de 1860.—O escrivão da camara, *Nuno de Sá Pamplona*.

INTENDENCIA DAS OBRAS PUBLICAS DO DISTRITO DE LISBOA

A intendencia das obras publicas do districto de Lisboa pertende dar de arrematação a factura de 18 vãos de portas no edificio das merceceiras, conforme as condições que se acham patentes n'esta intendencia.

Quem pertender tomar a dita obra pôde comparecer n'esta intendencia na sexta feira 3 de fevereiro proximo, ao meio dia.

Lisboa, 27 de janeiro de 1860.—O contador, *José Justino Manitti*.

PARTE NÃO OFFICIAL

CORTES

CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS

SESSÃO PREPARATORIA EM 25 DE JANEIRO

PRESIDENCIA DO SR. MELLO SOARES (DECANO)

Feita a chamada á uma hora da tarde, verificou-se estarem presentes 60 srs. deputados.

Leu-se a acta da sessão antecedente, que foi approvada.

Foram mandadas para a mesa as seguintes declarações:

1.ª Do sr. Frederico de Mello de que os srs. Araújo Mascarenhas, e Infante Pennanha, não podem assistir á sessão de hoje por incommodo de saúde.

2.ª Do sr. Couto Monteiro de que o sr. Rebello Cabral não comparece á sessão de hoje por motivo justificado.

3.ª Do Sr. Pinto de Magalhães de que o sr. Sequeira Pinto não pode comparecer á sessão de hoje, e talvez a mais algumas, por incommodo de saúde.

O sr. *Alves Martins* mandou para a mesa nove documentos, tendentes a provar a nullicidade da eleição da assembleia de Poaires, e um protesto contra a eleição da assembleia do S. Braz em Faro.

Tambem apresentou o seguinte requerimento:

«Tendo saído de Villa Real no 1.º de janeiro corrente um destacamento de tropa de linha para manter a ordem na assembleia eleitoral de Poaires, requeiro que o governo remeta á junta, com a maior urgencia, o officio do commandante da força armada, de como cumprir e se desempenhou da commissão que lhe fora encarregada.»

O sr. *Presidente* dividiu que a junta podesse dar andamento a este requerimento, e com quanto desejasse que o tivesse, era preciso que a junta tomasse sobre si a responsabilidade.

O sr. *Alves Martins*, a junta estava autorizada para decidir todos os negocios eleitoraes, e por consequencia podia pedir ao governo todos os documentos que julgasse necessários respectivos ao processo eleitoral.

O sr. *Presidente* que o regimento determina que os processos eleitoraes sobre que haja duvida fiquem para ser resolvidos depois da camara constituída; por tanto, se a respectiva commissão julgasse que havia rasto de duvida sobre a eleição alludida, reservava o seu parecer para quando a camara se constituísse.

O sr. *Rodrigues Sampaio* enviou para a mesa alguns documentos tambem relativos á eleição de Poaires, e o diploma do sr. deputado eleito por aquelle circulo.

Em quanto ao requerimento do sr. *Alves Martins*, entende que é curial, porque á junta preparatoria pertence resolver todas as questões sobre eleições, e por consequencia cumpre-lhe procurar todos os meios tendentes a esse fim.

Foi approvado o requerimento do sr. *Alves Martins*.

O sr. *Silva e Cunha* mandou para a mesa o seguinte requerimento, declarando que tinha tencionado fazer-lo antes de ser apresentado o do sr. *Alves Martins*, mas tendo as mesmas idéas do sr. presidente, por isso tinha demorado a sua apresentação, a qual fazia agora, em vista do que a camara acaba de resolver a respeito do requerimento do sr. *Alves Martins*.

«Requeiro que se peça ao governo o relatório e mais documentos remetidos pelo governador civil de Villa Real ao ministerio do reino acerca da eleição do Peso da Regoa.—*Eduardo da Cunha*.»

Foi approvado.

O sr. *Ministro da Marinha* (Ferreira) enviou para a mesa o seu diploma de deputado eleito pelo circulo de Pinhel.

Não havendo mais objecto algum de que tratar, o sr. presidente levantou a sessão.—*Era uma hora da tarde*.

NOTICIAS DO REINO

CONTINENTE

Vizeu.—No *Viriato*, jornal d'esta cidade, lê-se o seguinte:

«A casa da Insua é um paraíso. Não só ali se admiram primores de arte e bom gosto, mas a natureza parece, que fora prodiga em suas liberalidades n'aquella nova terra da promissão.

«O illustre chefe d'aquella distinctissima familia presa-se de ser um lavrador de nomeada. As fructas mais exquisitas e delicadas, os vinhos, que assimilham os de maior reputação, tanto nacionaes, como estrangeiros, apparecem produzidos n'aquella solo abençoado. Até na criação de animaes domesticos se tem esmerado.

«Ha na Insua uma raça de porcos inglezes, que preleva as melhores do paiz, tanto pela facilidade da cova e tracto, como pela extraordinaria corpulencia, e sabor da carne. Um porco, que ha poucos dias ali se matou, pesava perto de 20 arrobas.

«Era um animal bello na sua especie, e que causava admiração a quem por curiosidade o ia ver.

«O sr. João de Albuquerque, de Carceres, e um argumento vivo de que á agricultura, as artes e industrias se ajustam bem á aristocracia estreme.»

Aveiro.—O *Campo das Províncias* publica a seguinte nota do gado existente nos dezesseis concelhos do districto em 31 de dezembro de 1859.

Gado cavallar 7:096 cabeças, mular 1:167, azi-

nino 1:833, vaccum 48:087, lanigero 62:667, caprino 19:579, suino 77:279.

Porto.—O *Comercio* de 26, tratando do estado da corrente do Rio Douro, escreve o seguinte:

«O rio unicamente apresenta alteração sensivel na velocidade da corrente, que sendo hontem de 7,5 kilometros hoje augmentou a 9,2 kilometros. As marés conservam-se regulares, e o nível da agua apresentando unicamente as alterações devidas ao preamar e baixamar, mas tambem se acha muito agitado. Os vapores ainda hoje não podem sair.»

—Ao instituto vacinario da camara municipal, diz uma folha portueza, tem concorrido muita gente a vacinar-se.

—O movimento do banco commercial do Porto, no anno findo, foi o seguinte, conforme o resumo que publica o *Porto e Carta*:

«Descontaram-se 1:382 letras commerciaes no valor de réis 1,214,765,160. Das que se venceram, deixaram de ser pagas 28 na importancia de réis 24,043,145, as quaes comprehendem não sómente as que respectam a todas as fallencias já declaradas pelo tribunal do commercio, como tambem as de devedores notoriamente insolventes.

«Alem d'estas, mais duas que se venceram não foram integralmente recebidas, tendo a direcção de transigir com os figurantes n'ellas, do que resultou uma perda de réis 2,400,000, que foi já devidamente amortizada pela respectiva conta.

«Os empréstimos com penhor subiram a réis 305,435,000, entrando n'esta quantia os bilhetes do thesouro, com garantia de inscripções depositadas no banco de Portugal; os empréstimos sobre as nossas proprias acções, figuram apenas n'esta verba pela quantia de réis 29,622,000.

«Tomaram-se letras do thesouro sobre repartições publicas na importancia de réis 344,900,000, sendo actualmente as de que o banco é credor, na importancia de réis 84,400,000.

«Negociaram-se letras de cambio na importancia de réis 156,131,284.

«As transferencias de fundos entre esta praça e a de Lisboa foram de réis 247,913,692.

«Comprou-se prata por conta do thesouro, em virtude dos respectivos contratos, no valor de réis 27,977,148, quantia esta que sommada com a das compras nos annos anteriores prefaz a de réis 1,689,139,896.

«Pagou-se por conta do empréstimo para a nova alfandega d'esta cidade a quantia de réis 37,000,000.

«Receberam-se em deposito de particulares e outros a quantia de réis 4,230,226,422.

«Cobram-se por conta dos depositantes 974 lotas na importancia de réis 812,330,544.

«O movimento geral da caixa por entrada e saída foi de réis 13,532,958,507 em todo o anno, não contando o proveniente da troca de notas.»

Guimarães.—O *Vimaranense* diz que he consta terem-se andado a fazer estudos graphicos para a estrada transversal da ponte de Brito, na estrada de Villa Nova ás Caldas de Santo Antonio das Taipas.

Regoa.—Até ao dia 25 do corrente provaram-se na Regoa, diz o *Comercio do Porto*, 3,501 amostras de vinhos da novidade de 1859, e ficaram approvadas para exportação 1,379 e classificadas em consumo 2,122. Os trabalhos das provas deviam terminar hoje, e só então se saberá oficialmente o numero de pipas de vinho que ficará exportavel, contudo dizem-nos d'aquella villa que a cifra deve andar por umas 6,800 pipas.

Vianna do Castelo.—A presente quadra, escreve a *Aurora do Lima*, vai correndo a mais tempestuosa que he possível. Nos ultimos dias tem soprado rijamente do NO., havendo repetidos tufões, que não nos consta terem causado prejuizos, mas que são realmente assustadores. A chuva tem cahido a torrentes. Hoje está o dia ameno, mas não supponho que volte já o bom tempo.

Valença.—Continuava o mau tempo, soprando o vento sul com grande força, conforme diz a *Rasão*. O rio Minho crescea consideravelmente.

ULTRAMAR

MOSSAMEDÉS

Derrota da viagem á Huilla pelo rio Maímbo ou Giraullo, em companhia do ill.º sr. governador Castro, e da volta por Capangombe, rio Meloude e Pedra Grande.

(Continuado do n.º 23)

Dia 6 de julho

Saindo do arraial de Caionda ás 6 horas e 22 minutos, e chegámos ao ultimo muro da Chella ás 6 horas e 50 minutos, seguindo primeiro o rumo de 67º SE., mas logo o de 87º SE., e em seguida o de 45º SE.; chegámos a Mumpulla ás 9 horas e 40 minutos, e ali almoçámos e demos descanso ao gado.

Partimos para a Humpata ás 12 horas e 6 minutos, seguindo o rumo de 68º SE., mas a maior parte do caminho é a ENE. e NE.; n'este caminho encontramos cinco lebres e duas gazellas; o terreno é muito cheio de matto e arvoredos, e n'um logar em que passámos, a que tinham deitado fogo para a renovação do pasto, é que vimos bem os bellos campos que a Humpata possui, e quanto o terreno é excellent! Chegámos á libata grande do soba ás 2 horas e 50 minutos. O soba não estava á nossa chegada, mas foi logo arvorada a bandeira portugueza, sem armas reais, mas sim uma cruz.

Passados uns 10 minutos chegou o soba, trazendo uma cadeira para se assentar, a qual lhe foi dada pelo sr. governador Castro, assim que aqui chegou. Fez os seus cumprimentos, dizendo que estava muito contente por o sr. governador o ir visitar, e mais contente ficou quando recebeu um presente de uma medalha de prata com a effigie real, e uma ancoreta de aguardiente. A noite houve cantoria e dança em obsequio ao sr. governador, que durou até ás 11 horas. A Huilla ou Lopóllo demora por 58º SE.

Dia 7 de julho

Partimos da Humpata ás 7 horas e 23 minutos em direcção á Huilla; a distancia de uma milha da libata grande fica um rio, que é o limite do sobado da Humpata, ao qual o gentio chama *Inhana*.

Passámos o primeiro rio ás 8 horas e 49 minutos.

Passámos o segundo ás 9 horas e 2 minutos.

Passámos o terceiro ás 9 horas e 37 minutos.

Do segundo ao terceiro rio o terreno é bom, mas despidido de arvoredo; chama-se este terceiro rio *Alomacope*.

Passámos o quarto rio ás 9 horas e 47 minutos.

Passámos um ribeiro ás 10 horas e 2 minutos.

O caminho d'aqui para a Huilla é plano, arvoredo escasso e muito enfezado; em todo o transito ha abundante pasto para gado. O terreno é de areia e lagens, que aquella cobre, mas que a cada passo apparece á superficie. Ao meio dia chegámos ao alto da Huilla ou Lopóllo, donde se avista a pequena povoação e a fortaleza, e como já o chefe d'aquella concelho estivesse prevenido, deu a fortaleza uma salva, e logo vieram ao encontro do sr. governador os officiaes da colonia, o padre e os moradores. Chegámos á fortaleza ao meio dia e 20 minutos.

Dia 8 de julho

Tomei a altura meridiana do sol, dobrada, 104º 19' 40", e d'ella me resultou a latitude S. 15º 2' 58". As 8 horas 33 minutos 55 segundos (hora média) determinei a longitude por distancias do sol á lua, depois de ter bem certo o meu relógio, e achei a longitude E. de Greenwich 12º 58' 28".

Dia 9 de julho

Ao meio dia tomei a altura meridiana do sol, dobrada, 104º 35' 20", dando-me a latitude S. 15º 1' 50": ás 2 horas 41 minutos 9 segundos (hora média) determinei a longitude por distancias do sol á lua, e tive a longitude E. do meridiano de Greenwich 13º 11' 32". Pelos calculos dos dias 8 e 9, é a média da latitude S. da Huilla 15º 2' 4", e a longitude E. do meridiano de Greenwich 13º 5'; demorando a Huilla por 81º NE., magnetico, a 62 milhas de distancia.

Se a lua não se achasse tão proxima ao quarto crescente, teria eu feito mais alguns calculos de longitude, para obter a média d'esta mais aproximada: o individuo que contava no relógio pouca ou nenhuma pratica tinha, mas eu ia logo verificar a hora, quando mandava parar.

A latitude é exacta, pois que no dia 14 a conferi por outro calculo, e me deu 15º 2' 15", muito proxima á média que acima se vê. Todas estas observações foram feitas dentro da fortaleza.

Resumo de algumas distancias

	milhas
Do Bumbo ao Brúco	5,10
Do Brúco ao ribeiro que passa junto do Braz da Chella	4,50
Do ribeiro ao chão da Chella	0,60
Do principio da Chella ao ultimo muro	2,80
Do ultimo muro da Chella ao rio Mumpulla	7,20
Do Mumpulla á Humpata	7,00
Da Humpata á Huilla	11,80
Dos Cavalheiros ao Bumbo	72,97
Sempre por caminhos muito tortuosos	111,97

Viagem de volta para a villa de Mossamedes

Dia 15 de julho

Partimos da Huilla ás 8 horas e 20 minutos, acompanhados pelos srs. major Rocha, padre Alves, e alferes Paiva, seguindo o caminho para a Humpata, onde chegámos á 1 hora.

Dia 16 de julho

Partimos da Humpata ás 7 horas e 22 minutos, regressando á Huilla, á mesma hora, as pessoas que nos acompanharam: seguimos para o Mumpulla, onde chegámos ás 10 horas. Continuámos ás 11 horas e 57 minutos, e chegámos ao muro da Chella ás 2 horas e 8 minutos, começando a descer ás 2 horas e 28 minutos, e chegando ao chão da Chella (sítio do Braz) ás 4 horas e 42 minutos. A subida da Chella é custossissima, mas a descida não o é menos: chegámos abaixo com as pernas a tremer e bastante doridas, apesar de nos ajudarmos com bastões. Aqui pousámos e comemos uns favos de mel, encontrados perto da casa do Braz.

Dia 17 de julho

Partimos do chão da Chella ás 6 horas e 7 minutos, e chegámos ao rio Brúco, que divide o caminho para o Bumbo, ás 8 horas e 5 minutos. Demorámos 12 minutos, e seguimos para o Bumbo, onde chegámos ás 11 horas e 20 minutos.

Dia 18 de julho

Descanço. Fomos ver os terrenos do Bumbo, que ficam a E. da casa de residência do chefe, sendo um bello passeio até lá, e tambem examinámos o logar por onde se deve fazer a estrada para o Brúco, o que se obterá com muita facilidade, pois só necessita de uma picada na mata, e encher uns barrancos, que as aguas tem feito.

Dia 19 de julho

As 7 horas da noite chegaram os srs. Antonio Romano Franco, João Leite da Costa Bastos e Manuel Pinto Duarte. Eu tinha combinado com o sr. Franco, que logo que chegasse ao Bumbo he escreveria, mandando-lhe dizer a que rumo demorava aquelle ponto; o que fiz, indicando-lhe o rumo de ESE., e que, deixando o monte do *Laiama* sobre a direita, viria passar entre este monte e o de *Co-nhangue*, infallivelmente direito ao Bumbo. Estes senhores partiram da villa no dia 15 de tarde, seguindo o dito rumo; o fim era ver se por aquelle logar conviria fazer a estrada, caso não houvesse algum obstaculo: encontraram um pessimo caminho, não só por ser o piso quasi sempre de pedra solta e haver muito espinho, mas tambem pelas subidas e descidas de serras, a ponto de terem que fazer uma rampa de pedra solta para os bois poderem passar. Acharam algumas torrentes, umas que vão desaguar ao Béro, e outras ao Maímbo; muita abundancia de aguas, muito pasto, e grandes rebanhos de carneiros, pastoreados por pretos. Fallaram com o soba Capangombe, e em resultado disseram ser impossivel fazer-se por ali uma estrada. Souberam que a nascente do rio Béro se divide em duas partes, uma que forma aquelle rio, e outra o *Crok*.

Dia 20 de julho

Descanço. Ao meio dia tomei a altura meridiana do sol, dobrada, 107º 43' 50", que deu a latitude S. 15º 8' 36". Em vista d'esta e da observada antecedentemente, é a média 15º 8' 36", latitude do Bumbo.

Dia 21 de julho

Partimos do Bumbo para Capangombe ás 7 horas e 1 quarto. Capangombe não é o nome verdadeiro do logar, mas sim o do soba que o habitava, o qual se viu obrigado a abandoná-lo em consequencia de ser assaltado por guerras, que por ali fazem caminho para os Chubás: o nome pois d'aquello logar é Molombe, tomado de um rio que vae desaguar no Maímbo. Chegámos ás 10 horas á margem N. do rio. Não se sem fundamente que gabam estes bellos terrenos, pois, alem de vastos, são excellentes, apresentando uma admiravel vegetação espontanea. O rio pode muy bem servir para rega de pé no tempo da secca, pois que tem a sua nascente elevada na serra da Chella: nas estações proprias ali chove muito, como tambem da serra acima. Ha muita abundancia de madeiras, sendo *mutate*, *espinho preto*, *oleo e carvalho*, todas boas para construção naval, de casas, e mesmo para marcenaria. Encontramos muito rasto de elephantes, e viamos bastante caça, como perdizes, galinhas chamadas da India, corças, cabras, etc. Ao meio dia tomei a altura meridiana do sol, dobrada 108º 13' 40", que me deu a latitude S. 15º 4' 5", demorando o Bumbo por 3º SO., achando um angulo de 23º NO., distancia 4º,5 do rio Molombe ao Bumbo. Partimos aos 50 minutos depois do meio dia, levando dois guias, não obstante ter o sr. Franco alguma pratica do caminho, e seguimos para o NO., deixando as cordilheiras á direita; descemos 30', e continuamos o caminho por entre matas, escolhendo sempre logar para podermos passar a cavallo, e por isso fazendo o caminho mais longo: ás 4 horas chegámos ao rio Maçojo, que tem agua em partes, e ás 5 horas arraimos em um logar a que o gentio chama *Pelundo*, que é na faldá de uma serra, distante do rio uns 150 metros.

Dia 22 de julho

Partimos ás 6 horas e 25 minutos, seguindo ao NO., e a meia hora de viagem se encontra uma nascente de agua, e logo a meia legua outra muito maior; passamos a torrente *Nhinhe*, que vae desaguar ao rio *Anpei*, que é o mesmo *Maçojo*; este desemboca no *Peambo*. D'este logar se vê o monte do Conhangue ao SO. 1/2 O., e logo a meia legua de distancia se encontra o rio Giraullo, que nasce da

</

«Na sua resposta, sua santidade declara que quando por decreto da Providência, recebeu o patrimônio de S. Pedro, prometou e jurou manter a integridade dos estados da igreja, e por isso não quer faltar ao seu juramento.

«Sua santidade diz que a sua opposição firme e constante a qualquer projecto de separação, não provém de uma idea de ambição ou de engrandecimento pessoal. Sua santidade cumpre unicamente o dever que tem de conservar na sua integridade o patrimônio da igreja, de que é tão somente o administrador. Finalmente o papa declara que appella para a justiça de Deus, ao qual mais cedo ou mais tarde os pontífices e os reis terão de dar contas do seu modo de proceder.

«Esta resposta foi comunicada aos cardeais Mattei, Altieri, Patrizi, della Genga, Brunelli, Marini, Antonelli, Santucci e de Pietro.

«Tivemos occasião de ver o manifesto que a nobreza romana ultimamente dirigiu ao papa. N'esse documento a aristocracia de Roma declara que toma parte na afflicção que devia causar ao summo pontífice os acontecimentos occorridos durante o anno findo, e aquelles que parecem preparar-se, e que ella está prompta para o defender á custa de todos os sacrificios.

«Este manifesto assignado por 135 nobres, entrando n'este numero o principe José Bonaparte, foi apresentado ao summo pontífice pelo principe Orsini, pelo principe Berghesi e pelo Marquez Antici-Mattei.

«Eis na sua integra o artigo do *Journal de Roma*, relativamente á carta do imperador dos francezes:

«No *Moniteur*, appareceu uma carta escripta pelo imperador dos francezes, na qual o papa é aconselhado a que ceda as provincias rebeldes. Por agora apressamo-nos a tranquillizar todos aquelles (e que são muitos milhões de individuos) que se interessam pela conservação dos estados da igreja, declarando que o summo pontífice julgou que cumpria um dever de consciencia respondendo negativamente a semelhante conselho, e expendendo as razões da sua recusa.

«Diz uma correspondencia de Roma, que as espadas de honra que devem ser offerecidas ao imperador dos francezes e ao rei do Piemonte estão promptas. Essas armas são verdadeiras maravilhas de arte. Foram fabricadas pelo armeiro do Vaticano, por meio de uma subscrição que, por vontade formal do summo pontífice, se fez livremente. As duas espadas serão dentro em pouco offerecidas ao soberano francez e ao piemontez.

A correspondencia que dá noticia do facto que precede, afirma que a noticia dada por alguns jornaes estrangeiros, de que o governo pontificio reclamaria a evacuação das tropas francezas, é de todo o ponto inexacta. (La Patrie.)

CONFEDERAÇÃO GERMANICA

A dieta germanica deve muito brevemente pronunciar-se sobre a questão da reorganisação militar da confederação. As propostas de alguns pequenos estados, a Prussia oppõe uma serie de modificações, das quaes a mais importante é relativa ao commando supremo.

De accordo com as leis que actualmente vigoram, a dieta nomeia em caso de guerra, o general em chefe do exercito federal. O governo prussiano quer que de futuro, a Austria e a Prussia sejam investidas em commun do commando em chefe das forças militares da confederação. Muitos jornaes affirmam que tanto o gabinete de Vienna como o rei de Wurtemberg, se mostram muito favoráveis á combinação proposta pela Prussia. (La Patrie.)

AUSTRIA

Os boatos da crise ministerial, desmentidos ha tempo pelo *Gazeta austriaca*, têm todavia ultimamente certa consistencia. São as questões interiores e sobretudo a da representação provincial que dá lugar a dissensões no gabinete. (La Patrie.)

TURQUIA

Consta por via telegraphica que Dervich-pacha, nomeado embaixador da Porta ottomana, em S. Petersburgo, saiu de Constantinopla no dia 23 do corrente, acompanhado por Zohrab-Effendi, primeiro secretario da embaixada, por Kiamil-Effendi, secretario interprete da lingua russiana, e por Pertow-Effendi, secretario interprete da lingua franceza. O embaixador turco, na sua viagem para S. Petersburgo, passará pela Alemanha.

No dia 2 de fevereiro proximo, deve tambem partir para Paris Vekif-Effendi, na qualidade de embaixador da Porta n'aquella capital. (La Patrie.)

INGLATERRA

A imprensa ingleza pronuncia-se unanimemente a favor do novo ministerio piemontez. O *Times* e o *Daily-News* consideram a entrada do conde de Cairns para o ministerio, como a consequencia logica da mudança de politica, de que a demissão do conde Walewski foi o signal. O *Times* vê n'esse movimento ministerial um symptoma favoravel á proxima annexação dos estados da Italia central ao Piemonte.

Em Londres é opinio geral que o novo gabinete piemontez adoptará uma linha de conducta mais vigorosa relativamente aos negocios da Italia central. O *Morning-Post*, alludindo ao programma economico do imperador Napoleão, expressa-se nos termos seguintes:

«Os proteccionistas francezes deveriam considerar como um auxilio e consolidação para si, as acclamações universaes que acolheram as alterações projectadas no systema commercial da França. Sem duvida devem presumir que soffrerão durante algum tempo. Porém os seus prejuizos só serão momentaneos, em quanto que os seus lucros assumirão grandes proporções pela maior abundancia de materias primas e pelo augmento do numero de consumidores. Os novos mercados que se abriram, e todas as vantagens provenientes da extensão do commercio, compensarão de mais os prejuizos que a principio possa causar o novo systema. Cumpre pois, que elles se animem e recebam com alegria a nova politica commercial do imperador como um penhor de prosperidade futura; cumpre que o auxilio n'essa ousada tentativa a favor do progresso commercial; cumpre que se tornem superiores a receios mesquinhos, a vistas limitadas e doutrinas tradicionais, e que se resolvam a supportar os primeiros inconvenientes que podem provir do novo systema, portando-se como homens energicos, sensatos, capazes de apreciar os seus resultados, e esperar por elles com resignação. Se na Inglaterra não se tivesse collido bom resultado da livre troca, não poderiamos por certo fallar n'esta materia como hoje o fazemos. A nossa imprensa affligir-se-ia com os negociantes, fabricantes, e lavradores francezes, tão sinceramente como hoje toma parte no seu regozijo. Porém nós sabemos o que é o commercio, sabemos quando elle pôde ganhar em se ver liberto de todos os obstaculos, e podemos, sem egoismo, alegrar-nos, vendo que se estabelece em França um systema analogo ao nosso. E neste ponto que está a verdadeira prosperidade da França. Dentro em poucos annos, e quando tiverem passado os primeiros inconvenientes que possam resultar das projectadas reformas, veremos toda a população da França entregue aos trabalhos productivos; ve-la-hemos pacifica e satisfeita, não dremos ao abrigo de todos os receios da guerra, mas nutrido ardentes desejos de não alterar a paz, e

evitando tudo quanto possa obstar ao progresso industrial. O ponto em que sobretudo queremos insistir, é que o estabelecimento na França de um regimen commercial semelhante ao nosso, contribuirá, mais do que outra qualquer cousa, para tornar a guerra impossivel entre os dois paizes. Esse systema será um verdadeiro impulso a favor da industria franceza; creará em França novos interesses; conferirá ás cidades maior porção de riqueza material, e influirá por isso para o bem estar das familias francezas. Todos se interessarão mais pela conservação da paz com as outras nações, e a tranquillidade publica, mesmo no interior do paiz, não será alterada. O systema tornar-se-ha uma salvaguarda contra as revoluções inuteis, porque dará ao povo alguma cousa mais real e mais productiva do que os resultados que se podem tirar das conspirações e catastrophes politicas. Quanto á Inglaterra, cousa alguma lhe podia causar uma satisfação mais energeticamente partilhada do que ver a França gosando de socego e em estado de prosperar.

«O *Observer*, folha semanal e ministerial, diz que o projecto de reforma parlamentar será communicado á camera dos communs apenas tenha lugar a abertura do parlamento. Esse projecto é relativo ao direito eleitoral, á forma da votação, pondo de coberto de falsificações os actos electorais.

«Estão-se actualmente armando em Depford, por ordem do almirantado as naus *Mauritius* e *Melbourne*, que devem fazer, na China, o serviço de hospitaes fluctuantes. A *Mauritius* e a *Melbourne* devem sair para o seu destino no dia 25 de janeiro. (La Patrie.)

NOTICIAS LITTERARIAS

REFORMA DA ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA

A NECESSIDADE DOS ESTUDOS PREPARATORIOS E COMPLEMENTARES PELO QUE RESPEITA A ARQUITECTURA

As vantagens de um conhecimento geral de perspectiva, para todos os individuos que se deem ás diversas artes do desenho, são em si tão reconhecidas, tão ligadas com a natureza e razões theoreticas da mesma arte, que demonstrar-se-ia uma verdadeira superfluidade.

Para o paizagista, para o pintor historico, para o gravador, para o esculptor e para o proprio estatuario, a perspectiva, ou o complexo de regras e preceitos que determinam a representação dos objectos nas suas situações respectivas, segundo a differença e modificações que o grau de longitude mette entre ellas, é uma parte scientifica da arte, de cujo estudo não é possível prescindir, sem que essa falta se faça recordar de uma maneira deploravel em todas as concepções e obras futuras do artista.

E em tudo a academia das bellas artes de Lisboa, a perspectiva apenas figura ligeiramente entre as noções preparatorias da aula de architectura, e é representada por um deficiente e breve compendio. Por aquelle compendio, os alumnos não ficam sabendo da perspectiva senão as leis mais geraes de optica, mas sem a sua demonstração scientifica que habilita para verdadeiras applicações, quando o conhecimento das theorias é concebido pela intelligencia e não apenas firmado na memoria.

E com isto não queremos inrograr a menor censura ao distincto professor que rege esta cadeira. O mal parte igualmente da viciosa organização dos estudos, que os reune e complica n'um só homem, impondo-lhe obrigações, que a serem desenvolvidas e desempenhadas em todo o alcance que a arte determina, formariam a occupação insistente de umas poucas de intelligencias e actividades.

Os differentes estudos que comprehende a architectura, para saírem da simples esfera das noções mais elementares, não podem de modo algum ser o encargo de um só homem, embora illustrado e zeloso no desempenho de seus deveres, e pelo futuro da arte. Veja-se pelo simples enunciado do artigo 53.º dos estatutos, qual é a multiplicidade e importancia das attribuições do professor da aula de architectura, e diga-se se é possível que um unico individuo as satisfaga, com aproveitamento para os discipulos e bom nome do estabelecimento destinado a diffundir o gosto e o saber em cousas da arte.

O artigo resa assim: «Cumpre ao professor de architectura dar aos discipulos as noções prévias mais necessarias de arithmetica, de geometria theorica, pratica e descriptiva, de perspectiva, mechanica e chimica, quanto for bastante para a boa intelligencia e fruto das lições proprias da arte; inculcando-lhes com tudo sempre a necessidade e utilidade de estudos mais amplos n'estas materias, para se fazerem distinctos na sua profissão.»

Um tal artigo, alem de absurdo e impossivel de realizar de um modo aproveitavel para a multiplicidade de ramos de ensino, que incumbem á regencia de uma só cadeira, é tambem contradictorio nas suas mesmas indicações; porque, ao passo que diz que o professor dará aos discipulos as noções prévias, quanto bastante para a boa intelligencia e fruto das lições, manda logo depois que o proprio professor inculque aos mesmos discipulos a necessidade de aprofundar estes estudos, o que equivale a dizer, n'uma parte, que se julgam sufficientes os estudos, e tanto que os reduzem a meras noções; e n'outra, que são superficiaes para a cabal illustração do artista, e que por isso importa completa-las.

Mas o maior absurdo está demonstrado quando se vê reunir nas attribuições de um só professor deveres de ensino que constituem quasi o curso completo de sciencias naturaes das escolas polytechnicas, e que ainda mesmo reduzidos ou simplificados a noções elementares, nunca poderiam ser o objecto serio e reflectido da aula de architectura, se attendermos a que o tempo material ali dedicado á instrução dos alumnos é ainda insufficiente para aquella parte exclusivamente theica da arte.

E no entanto, apesar de serem muitas as materias em que segundo os estatutos da academia o professor da aula de architectura tem obrigação de instruir os seus discipulos, deixam ainda de figurar entre ellas algumas partes da sciencia precisas ao architecto, quando a sua educação se reputa completa. A acustica, a parte da legislação applicavel ao direito das edificações, e um systema de contabilidade especial, porque simples noções de arithmetica, como os estatutos mandam, não bastam ao architecto, pois no architecto ha o artista e o administrador; tudo isso são ainda ramos de instrução que faltam na aula de architectura, e que todavia são indispensaveis para o complemento da arte de edificar nas suas relações mais elevadas e complexas.

D'esta rapida analyse deriva uma verdade, que se demonstra facilmente pelas suas razões de evidencia: é que a cadeira de architectura está carregada de encargos, e que todavia não satisfaz nem realisa os verdadeiros destinos da arte. D'aqui seguem-se as tristes consequencias, que todos ali presenciámos e testemunhamos da falta de architectos, e a carencia de illustração especial e theorica que se nota nos individuos, que a sua leviandade ou immodestia leva a inculcarem-se como taes. Parece-nos que não será necessario ir percorrer a extensa exposição de abortos em pedra e deformidades architectonicas, que, com opprobrio da arte e desaire para o paiz, pejam alguns sitios da capital, para comprovar todos os lastimaveis resultados dos vicios de organização que apontamos na academia.

Infelizmente nas demonstrações da incapacidade dos nossos artistas, n'este genero, são tão notaveis, estão tão documentadas as provas publicas, têm sido o assumpto da analyse de juizes tão inuspetos, justificam de modo tal a indignação dos entendidos na materia, que andam já em proverbio na boca do publico menos critico e competente.

E comtudo, o remedio que ponha termo a estas desastrosas consequencias é facil. Está n'uma melhor organização de estudos. Em se obrigando os discipulos da academia, que se dedicam á architectura, a cursar aquella parte das mathematicas e sciencias naturaes, que formam as suas bases e complemento na escola polytechnica, já a sua instrução fica sendo mais solida e completa, sob qual relação que o artista tenha de vir a desenvolver-la e a applicar o seu talento.

D'esta divisão de estudos seguiu-se a desannexação de muitas das attribuições, que pesam sobre a cadeira da aula de architectura, o que facultava o tempo necessario ao professor que a occupa para o dedicar exclusivamente á parte pratica da arte, e applicar, no seu cabal desenvolvimento, os principios serianamente da sciencia, de que depende essa mesma pratica da arte, ou que tenham com ella uma referencia immediata.

CADEIRA DE HISTORIA DA ARTE

A historia da arte em geral é tambem uma necessidade para a organização actual da academia desconhecida, e que importa muito para a completa illustração do artista, seja qualquer o ramo a que se consagre nas artes do desenho. Na aula de architectura dão-se alguns esclarecimentos das cinco ordens gregas e romanas, e varias observações se fazem acerca do seu caracter. Mas isto não basta; porque, nem conhecer simplesmente as subdivisões da architectura, desde a corynthia até a toscana, é entrar nos segredos da esthetica e philosophia da arte, nem copiar materialmente Vignola é saber architectura. Entre uma cousa e a outra mette-se um abismo de pernicio, abismo em que quasi sempre se despenham os nossos architectos.

Isto pelo que se refere exclusivamente á architectura; pois em quanto ao que tem relação com a historia da arte nas suas considerações mais genericas e levadas ás regiões da interpretação, nas suas indicações historicas e preceitos estheticos, nada ha de commun entre o que se ensina na academia das bellas artes de Lisboa, e o que releva saber ao pintor, ao estatuario e ao architecto para se iniciarem nos segredos do bello, nessa parte immaterial da arte que os aproxima das mais arrojadas concepções do espirito humano, e se revela nas bellezas do pincel e primores esculptureos, de que a antiguidade ainda hoje nos mostra os mais admiraveis monumentos.

A talle e o marmore traduzem presentemente um bom pequeno numero de ideas em Portugal; e a razão não é outra senão a pouca illustração dos nossos artistas. A historia da arte não é uma superfluidade, uma exigencia caprichosa da erudição, nem uma exuberancia de conhecimentos estranhos e superfluos de que o pintor ou o estatuario possam prescindir; a historia da arte é a analyse e a interpretação da parte propriamente material da arte feitas segundo as theorias do bello perfeito, conforme as indicações do gosto illustrado, evidenciadas em todos esses esmeros do genio de Athenas e Roma, ou nos resultados produzidos pelo talento moderno. A analyse reflectida de todas as grandes escolas, representadas na illustre escalla desde Phidias até João Goujon, e desde Cimabue e Giotto até Raphael e Miguel Angelo, elevam na alma dos discipulos uma emulação fecunda e concorrem poderosamente para o aperfeiçoamento e elevação das suas facultades. E por isso que a investigação esclarecida do analyta deve percorrer as phases, que completam a historia da pintura e da estatua; apreciar todas as metamorphoses da arte monumental; inquirir os hieroglyphicos do templo de Memphis; visitar as masas colossaes de Brama; contemplar os portentos do genio humano que palpitam nos monumentos de estatua; entrar em Roma e passear á sombra das ruínas do Coliseu e do Capitolio; sentar-se depois debaixo das arcarias gothicas das bellas cathedraes da idade média; observar as opulencias de phantasia e ausencia do gosto nos ornatos e excentricidades bysantinas; e a final estender as modificações da arte sublimemente recuadas n'esse protesto solenne do genio contra a decadencia da architectura, chamado basilica de S. Pedro, epilogo grandioso, simbolisação magnifica das aspirações do cinzel grego, combinadas com a elevação e severidade da arte romana.

Para o pintor e para o modelar é indispensavel saber a que principios obedeceram, por que indicações se formaram as escolas typicas, e são estas deducções as que só podem dar a mão e guiar um critico illustrado, ou as verdadeiras theorias do bello. Mas por citarmos Phidias e Goujon, Giotto e Raphael, Cimabue e Buonarroti, como os nomes cuja importancia, nas transformações da arte, vem naturalmente á superficie da discussão, não se segue que se deva dar ao ensino historico o caracter exclusivo, que todavia achá-se sectarios em muitos talentos votados com idolatria ao estudo do passado. Se ha materia em que o eclectismo seja admissivel, como util e fecundo para a imaginação, é no estudo das bellas artes.

Não pondo na menor duvida a excellencia dos monumentos gregos, o professor que se consagra a divulgar pelas eras esplendidas da arte e ali procure os exemplos mais proprios para fecundar e esclarecer a imaginação, não deve passar ante a esculptura da renascença sem parar e reflectir no que ha nas suas obras de mais elegante e engenhoso, de flexivel e delicado.

Seria até uma prova de vistas menos largas e de pouca affluição critica, deter-se o espirito de analyse nos ultimos annos do seculo XVI, sem se voltar com reflexão para esses artistas, que, embora se affitassem do estylo e indole das tradições da Grecia, e da propria renascença, deixaram comtudo de si vestigios gloriosos, attestados em obras energicas, em que transpira uma inquestionavel grandeza.

Se Goujon se aproxima mais de Phidias do que Puget, não é isto razão para se tratar com desdém o *Milon de Crotone*, cujas carnes palpitam, cujos labios da ferida, convulsos e febreantes, escorrem sangue, cujos braços e peito exprimem a vehemencia do exaspero das extenuações do soffrimento.

E preciso entender que a pintura não principia e acaba em Urbino, em Rubens ou Miguel Angelo, e tratar como simples accessorios todos os talentos que após estes grandes genios se revelaram pela audacia ou originalidade de apreciadas composições. Fora da escola romana, fora da escola florentina ha meritos notaveis e dignos de admiração. Corregio e Ticiano personificam, só por si, um grande estylo, que não pôde deixar de fecundar a imaginação do pintor e prestar grandes subsidios ao seu talento, principalmente nas combinações e brilho de colorido e na expressão e verdade do sentimento. Paulo Huet, Watteau, Nicolan Poussin, Le Sueur, e alguns dos mesmos paizagistas da escola ingleza, como Cophy Fieldind, Turner, Stanfield, Landseer e Mulready, não podem deixar de ser tomados por norma na maneira de interpretar, mais ou menos poetica, os diversos episodios da criação animada e os mais variados e pintorescos panoramas da natureza vegetal.

A propria escola portugueza, mais conhecida pelo nome de Grão Vasco, e muitas das obras de

alguns dos artistas que depois se seguiram, como Gaspar Dias, brilhante imitador de Miguel Angelo; Coelho, cujas obras perpetuam o seu nome no Escurial; Campello que deixou quadros onde se admira toda a correção de desenho da escola romana, e ornão ainda hoje como monumento o mosteiro de Belem; Francisco de Hollanda que reuniu á correção de desenho de Raphael a energia de expressão do Buonarroti, dotes que soube juntar no seu bello quadro do baptismo de Santo Agostinho; e finalmente outros muitos que illustraram os seculos XVII e XVIII, como Claudio Coelho, Pedro Alexandrino e Sequeira, o nosso Rembrandt, toda esta illustre e variada galeria de artistas fornece grandes elementos de illustração, concorrendo para dar a verdadeira e caracteristica physionomia a uma escola nacional, e abre fecundos e brilhantes capitulos onde possa ser estudada e exemplificada a historia da arte em Portugal.

O professor encontra nas obras d'estes talentos distinctos um inexaurivel manancial de inspirações para os seus melhores dictames, uma grande somma de exemplos para as suas demonstrações nos pontos mais difficeis da pintura; e o maneoço que se dedique a estes estudos, recebe igualmente d'estas obras todos os estímulos que o devem elevar ás regiões ideaes da interpretação, da historia e da poesia. São estes vãos audaciosos que alcançam os verdadeiros horizontes da arte. Sem a phantasia enriquecida, e o espirito fecundado dos conhecimentos da historia, e as theorias do bello, nunca na esphera ideal do pintor e do estatuario entrariam esses raios luminosos que, transmitidos ás suas obras, as animam, como o fogo da estatua de Pygmalio. É necessario que as formas, como a redoma de vidro que não obscurece, antes multiplica em deslumbrantes e variados reflexos a luz que lhe arte dentro, se moldem naturalmente a todas as intenções da imaginação do artista; e para isto se conseguir não basta a vocação, nem o ensino tecnico: uma é como o fogo sagrado, que accende a alma do artista; o outro é apenas onde reside toda a sua acção mechanica. Parece muito, parece tudo, mas não o é. Para que este fogo se communique e guie a mão nos seus rasgos criadores é necessario que o saber tenha alargado e esclarecido todas as veredas da arte diante da imaginação do artista. Assim combinados os seus dotes inventivos com os segredos que o empirismo da observação pratica só revela, e aconselha, os resultados não podem deixar de ser satisfactorios, porque é a harmonia d'elles. — J. M. de Andrade Ferreira. (Continua.)

NOTICIAS SCIENTIFICAS

OBSERVATORIO METEOROLOGICO

DO INFANTE D. LUIZ

NA ESCOLA POLYTECHNICA				
BAROMETRO (PRESSÃO)	THERMOMETRO (TEMPERATURA)	PSYCHROMETRO (HUMIDADE)	ANEMOMETRO (VENTO)	
Millimetros	Grãos C.	Por 100	Rumos	
9 m.	768,74	10,7	84,5	NNO.
3 t.	762,05	12,9	65,3	NNO.

DIA 27.

Maxima — temperatura	14,8 C.
Minima — temperatura	10,1
Ozone (de noite)	8,0
Ozone (de dia)	6,5
Chuva (demetro)	2,3 mil.
Evaporação (vapormetro)	1,0
Altura barometrica correcta.	
Altitude do barometro 95,1 metros.	
Temperatura á sombra.	

BAROMETRO (PRESSÃO)	THERMOMETRO (TEMPERATURA)	PSYCHROMETRO (HUMIDADE)	ANEMOMETRO (VENTO)	
Millimetros	Grãos C.	Por 100	Rumos	
9 m.	763,59	11,0	84,7	NNO.
3 t.	762,91	13,9	80,7	ONO.

DIA 28.

Maxima — temperatura	13,8 C.
Minima — temperatura	8,8
Ozone (de noite)	8,0
Ozone (de dia)	8,5
Chuva (demetro)	0,9 mil.
Evaporação (vapormetro)	2,4
Altura barometrica correcta.	
Altitude do barometro 95,1 metros.	
Temperatura á sombra.	

NOTICIAS DIVERSAS

ANGHERA

A *Chronica de Gibraltar* publica as seguintes noticias sobre a provincia de Anghera, pertencente ao imperio de Marrocos, e onde actualmente se acham concentradas as operações da guerra comprehendida pela Hespanha contra aquelle imperio.

A pessoa que escreve essas noticias parece que foi um cavalleiro que residia muitos annos na Barberia, tendo adquirido conhecimentos especiaes do paiz.

Eis aqui o que diz este artigo:

«A provincia de Anghera é um conjunto de montanhas que formam um quadrilatero, cujos angulos são Tanger, Ceuta, Tetuão e Ain-Ghedida que fica a meio caminho entre Tanger e Tetuão. O lado do norte, que forma a costa africana do estreito, é composto de rochas vulcanicas, que são verdadeiros precipicios para o lado do mar, e cortadas por valles profundos.

Não se pôde transitar pelo caminho ao lado do mar; ou, para melhor dizer, a vereda que conduz de Ceuta para Tetuão fica situada na parte mais elevada do monte Abyla, geralmente conhecido pelo nome de montanha de *Los Monos*, entre dois barrancos que difficilmente se atravessam.

Descendo pela parte occidental d'essa montanha, o viajante encontra a praia de Alcaassar Srer, onde existem ainda vestigios de um antigo castello portuguez. Depois de se atravessar esses montes, chega-se á praia de Cala-grande, e subindo-se de novo por diferentes montes muito alcantilados, encontra-se o cabo de Malabat, que fica situado a leste da bahia de Tanger. Cumpre notar que as praias de que acima fallamos se acham completamente isoladas, por ser extremamente difficil o accesso das montanhas que as rodeiam. A distancia, em linha recta, de Ceuta para Tetuão, é de 24 milhas, porém pôde formar-se uma idea das difficuldades do transito, se dissermos que um cavallo gasta dois dias em percorrer a distancia que vae de um a outro d'esses pontos.

De Ceuta para Tetuão, a serie de montanhas começa no cume do monte Abyla (cujas vertentes orientaes são hoje occupadas pelo exercito hespanhol), e prolonga-se desde Sierra Bullones, no estreito, até ao porto de Castillejos, no Mediterraneo, distante 3 milhas da antiga linha da fortaleza hespanhola. De Castillejos, voltando ao sul, ha entre as montanhas e o mar uma planicie que tem de 3 a 6 milhas de comprimento, prolongando-se até

Martin, perto de Tetuão; porém essa planicie está dividida em duas, a 11 milhas ao sul de Ceuta, por uma cordilheira que n'esse ponto formam as montanhas de Anghera que avançam até ao mar, constituindo o cabo Negro. Das ditas montanhas descem torrentes que, na estação actual, tornam impraticavel a planicie que é formada na sua parte mais baixa de grandes pantanos e lagoas. A 4 milhas ao sul de Castillejos, ha um ponto estrategico, a collina Negrona, que domina a maior parte da planicie.

Na faldia das montanhas, que constituem um dos angulos do quadrilatero, fica situada a cidade de Tetuão, edificada sobre uma planicie muito mais elevada do que o mar, no valle que atravessa o rio Boosfena, que se lança no Mediterraneo, cinco milhas abaixo de Tetuão. Na desembocadura d'este rio está o porto Martin, protegido por uma torre quadrada guarnecida por nove bocas de fogo. Do lado opposto do rio ha uma cadeia de elevadas montanhas que se prolongam na direcção leste, desde o cabo Maseri até á fronteira de Argel, formando o Rif; e na direcção sul communicam com a cordilheira do pequeno Atlas, que termina no monte Abyla, como se disse. Na parte do sul do quadrilatero, entre Tetuão e Ain-Ghedida, na primeira metade do caminho de Tanger, ha uma rica e fértil planicie de doze a quatorze milhas, e que é regada pelo Boosfena até perto do pequeno Atlas. N'esse ponto a natureza do paiz muda repentinamente; o rio perde-se ao lado direito, entre as montanhas de Anghera; os montes que lhe ficam fronteiros são de difficil accessos. O unico ponto por onde se pôde atravessar esta cordilheira é uma passagem de seis a sete milhas de extensão, onde se encontram mil precipicios.

No cume da montanha fica situada Ain-Ghedida, e d'este ponto mais facilmente se desce para a planicie de Woolja, que tem oito milhas de extensão, e termina na collina Zinet que fica no extremo da planicie de Tanger. N'esta parte oeste do quadrilatero, desde Ain-Ghedida até Tanger, distancia de 24 milhas, as montanhas são mais accessiveis; porém, tanto a planicie de Woolja como a de Tanger estão cortadas por muitos riachos profundos e rapidos na estação actual, tornando-se intransitaveis depois das chuvas, em consequencia do caracter argiloso do terreno.

A cidade de Tetuão, que contém uma população de 30.000 habitantes, pouco mais ou menos, não se pôde considerar como fortificada, porque, achando-se dominada por algumas eminencias, não pôde resistir a um sitio em forma. A sua defeza não está nas muralhas, mas sim nas ruas, que são atravessadas por muitos arcos que formam um perfeito labyrintho, o que por certo influirá para que a luta, n'essa cidade, seja pertinaz e sanguinolenta.

Varias folhas portuguezas referindo-se a cartas recebidas de Gibraltar, com data de 11 do corrente, têm dado conta, pela seguinte forma, dos estragos causados alli pelos ultimos temporales:

«O vapor hespanhol *Piles*, que perdeu o grupés e o tallamar, recolheu oito pessoas procedentes de um falucho que se tinha perdido em Ponte Mayorga.

«O bergantim francez *Bon Berger* perdeu as amarras no domingo (8) pela manhã, e encalhou na costa fronteira.

«O falucho francez *Albert* arribou entre os dois rios.

«O capitão Carreras, do bergantim hespanhol *Cecilia*, foi mortalmente ferido, por lhe ter caído em cima um escaler da sua embarcação, que se desprendeu da amarra. O bergantim estava a 12 milhas de Ceuta.

«O vapor hespanhol, que encalhou hontem (10) em Algeiras, é o *Santa Isabel*, cujo naufragio foi completo. Dizem que o capitão perdeu o juizo em consequencia d'esta desgraça.

«A goleta hollandesa *Kurkhandel* foi necessario mandar-lhe no domingo uma ancora e cadeia, para evitar que perdesse o seu ancoradouro.

«Os vapores transportes de guerra hespanhoes, que cruzavam durante o temporal, ancoraram hontem á noite em Ponte Mayorga. D'este então alguns foram dar fundo n'outra paragem.

«A barca ingleza *Margarete* perdeu velame e as obras mortas.

«O vapor francez *Tanger*, ao passar por este porto, soffreu muito pelo forte temporal que fazia. Um dos escaleres foi arrebatado pela corrente, afogando-se um marinheiro que estava dentro.

«O conde *Dandolo* aguentou o temporal por levante e soffreu avaria.

«O *Concordia* teve a coberta varrida pelas ondas, levando um homem a 40 milhas da sua costa.

«O *Peter*, que perdeu as obras mortas e varios encaerados, teve tres tripulantes maltratados, dois d'elles de perigo.

«O capitão Brandet, do navio francez *Anna*, que se perdeu inteiramente pela parte do levante, soffreu tambem em consequencia de um pau que lhe caiu em cima.

«A goleta franceza *Elisabeth*, do capitão Brown, procedente de Malaga, e fretada para o rio Guadiana em Portugal, com carga de lastro; o barco hespanhol *Diana*, de Cadiz, capitão Mora, com a mesma carga; o guarda costa *Santa*, a polaca *Corso*, o patacho *Divina Pastora* (que perdeu um passageiro), duas embarcações latinas com bandeira ingleza (uma d'ellas de Gibraltar para Ceuta), e mais de trinta barcos pequenos, lanchas, etc., encalharam ou perderam-se totalmente n'este porto, e pela costa.

Calcula-se, diz outra carta, em o numero de quarenta a perda total das embarcações entre Gibraltar e Cadiz.

NOTICIAS COMMERCIAES

ALFANDEGA DO PORTO

Recetta da alfandega de 1 a 24 de janeiro inclusivo.	86.514,8079
Idem no dia 25.	5.000,3195
Idem no dia 26.	4.682,8895
	96.287,9169

MOVIMENTO DOS VINHOS E AGUARDENTES

Janeiro, 25

PRAÇA DO PORTO, 27 DE JANEIRO

Metaes	Compra	Venda
Pecas de 83000—a prata...	73980	83000
Oncas hespanholas—a oiro...	153000	153000
Ditas mexicanas—a oiro...	143000	143000
Sobranças—a prata...	43400	43500
Oiro cerendo—a oiro...	13380	13390
Patacas hespanholas—a prata...	3940	3950
Ditas brasileiras—a prata...	3920	3950
Ditas mexicanas—a prata...	3920	3950
Prata em barra—a oiro...	1125	1126
Cinco francos—a oiro...	3880	3900

CAMBIOS SOBRE LONDRES

A 90 dias data... 53 1/2 a 54 1/2

Vigo, 25 de janeiro

Entrou neste porto, arribado, o brigue *Gardina*, procedente de Riga, com destino para o Porto.

Também entrou o brigue *Esperanza*, procedente de Pernambuco, com destino a esta cidade, em 42 dias, e passou a fazer dez dias de quarentena no lazareto. Traz carta limpa.

O vapor francez, que d'aqui saiu no dia 21 para Lisboa, tornou a entrar, arribado, por causa do mau tempo.

(Commercio do Porto.)

PREÇO MEDIO DOS GENEROS NOS MERCADOS REGULADORES

DISTRITO DE PORTALEGRE

CASTELLO DE VIDE

Semana finda em 10 de dezembro

Trigo gallego, alqueire...	5660
Milho grosso, dito...	5400
Centeio, dito...	5380
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5350
Feijão amarelo, dito...	5700
Feijão preto, dito...	5650
Grão, dito...	5550
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5120
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, almude...	13500

Semana finda em 17 de dezembro

Trigo gallego, alqueire...	5660
Milho grosso, dito...	5380
Centeio, dito...	5320
Cevada, dito...	5300
Feijão branco, dito...	5300
Feijão amarelo, dito...	5650
Feijão preto, dito...	5380
Grão, dito...	5550
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5120
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, almude...	13500

Semana finda em 24 de dezembro

Trigo gallego, alqueire...	5673
Milho, dito...	5620
Centeio, dito...	5480
Cevada, dito...	5400
Feijão branco, dito...	13000
Feijão amarelo, dito...	13000
Feijão preto, dito...	13000
Grão, dito...	5370
Fava, dito...	5660
Batata, arroba...	5280
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13300

Semana finda em 31 de dezembro

Trigo gallego, alqueire...	5700
Milho, dito...	5620
Centeio, dito...	5480
Cevada, dito...	5400
Feijão branco, dito...	13000
Feijão amarelo, dito...	13000
Feijão preto, dito...	13000
Grão, dito...	5370
Fava, dito...	5660
Batata, arroba...	5280
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13300

Semana finda em 7 de dezembro

Trigo gallego, alqueire...	5740
Milho grosso, dito...	5500
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

Semana finda em 14 de dezembro

Trigo gallego, alqueire...	5740
Milho grosso, dito...	5500
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

Semana finda em 21 de dezembro

Trigo gallego, alqueire...	5740
Milho grosso, dito...	5500
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

Semana finda em 28 de dezembro

Trigo gallego, alqueire...	5700
Milho grosso, dito...	5500
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

Semana finda em 4 de janeiro

Trigo gallego, alqueire...	5700
Milho grosso, dito...	5500
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

Semana finda em 11 de janeiro

Trigo gallego, alqueire...	5700
Milho grosso, dito...	5500
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

Semana finda em 18 de janeiro

Trigo gallego, alqueire...	5700
Milho grosso, dito...	5500
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

Semana finda em 17 de dezembro

Trigo branco, alqueire...	5720
anadi, dito...	5700
gallego, dito...	5600
Milho grosso, dito...	5420
Cevada, dito...	5420
Centeio, dito...	5480
Grão de bico, dito...	5650
Feijão branco, dito...	5650
Feijão amarelo, dito...	5650
Feijão preto, dito...	5420
Batata, dito...	5180
Azeite, dito...	13800
Vinho, almude...	13700
Aguardente, dito...	23880

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA DE LISBOA

Dia 23 de janeiro de 1860

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Freia, vapor inglez, capitão J. Miller, de Villa Real de Santo Antonio em 24 horas, de Tavira em 23, de Ollão e Faro em 21, de Villa Nova de Portimão em 16, de Lagos em 14, e de Sines em 7, em lastro, á companhia *união mercantil*; 21 pessoas de tripulação e 31 passageiros, que são: José Antonio P. A. Sequeira, militar; Domingos de Sousa, ecclesiastico; Antonio Martins Gomes, Salto Delmar, Joaquim Antonio da Fonseca, Manuel Gomes Soutinho, negociantes; Plácido José, Sebastião da Silva, artistas; José Alexandre Arnedo, estudante; Miguel José Amador, José Antonio, Domingos dos Reis, José Branquinho, João da Fonseca, marítimos; Romão Antonio, Antonio Domingos da Silva, serventes; 5 praças de pret; D. Gertrudes das Dores, D. Joanna Adelaide, Victoria do Espirito Santo, Rosalia da Silva, Maria do Carmo Bugiganga, com 1 pessoa de familia, Feliciano Bento Correia de Mello, Anna Julia, portugueses; Luiz Bitton, negociante hespanhol; 1 preso inglez.

Emily, barca dinamarcheza, capitão C. Hansen, de Copenhagen em 40 dias, e de El-Senior em 33, com madeira, ao seu consul; 17 pessoas de tripulação, e 1 passageiro que é C. Prum, marítimo dinamarquez. Destina-se para Nova Australia e vem arribada com avarias nas bombas e no leme.

Acorn, brigue inglez, capitão J. Todd, de New Castle em 24 dias, com carvão á companhia do gaz; 8 pessoas de tripulação.

Alpha, escuna dinamarcheza, capitão T. C. Friis, de New Port em 38 dias, com carvão, á A. Van-Zeller; 5 pessoas de tripulação.

Joven Margarida, bateira, mestre A. F. Lamarão, de Setubal em 2 dias, com trigo, vinho e azeite; 6 pessoas de tripulação.

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Providencia, hiate portuguez, mestre J. Ramos, para Tavira e Faro com milho e mais generos; 7 pessoas de tripulação e 2 passageiros que são: José Martins Micano, com 1 filho, sem emprego, portugueses.

Liberdade, hiate portuguez, mestre J. de Macedo, para Setubal com bacalhau e encomendas; 5 pessoas de tripulação.

Alida, barca hamburgueza, capitão H. Hee, para o Rio de Janeiro com sal; 14 pessoas de tripulação.

Julie Mathilde, gallera hamburgueza, capitão F. R. Rorden, para o Rio de Janeiro com sal e mais generos; 16 pessoas de tripulação.

Tarujo 4.º, brigue portuguez, capitão M. O. Faneço, para Pernambuco com vinho e mais generos; 13 pessoas de tripulação.

Senhora da Conceição, hiate portuguez, mestre A. T. Faia, para Setubal em lastro; 6 pessoas de tripulação.

Jesus Piedade, cabique portuguez, mestre A. Gonçalves, para Lagos com fazendas e mais generos; 9 pessoas de tripulação e 4 passageiros, que são: Joaquim José da Silva, Pedro Antonio Bixo, artistas; Francisco de Paula, marítimo; José Antonio da Silva, trabalhador; portugueses.

Svendborg, barca dinamarcheza; capitão M. I. Brandt, para Barcelona com carvão; 14 pessoas de tripulação.

Soherano, brigue portuguez, capitão A. A. de Almeida, para Pernambuco com vinho, azeite e mais generos; 13 pessoas de tripulação.

Constante, brigue portuguez, capitão A. C. dos Reis, para Pernambuco com cebolla, vinho e mais generos; 16 pessoas de tripulação e 7 passageiros, que são: Joaquim Pereira da Rocha Paris, negociante; João Vicente Ventura, José Maria Gonçalves Castello Branco, e sua mulher, artistas; Joaquim Maria Machado do Lacerda, caixeiro; portugueses. Narciso José Monteiro, Eleonor de Aquino Fonseca, estudantes brasileiros.

Lusitano, palhabor portuguez, capitão M. J. O. Ramos, para Genova com ferro e mais generos; 10 pessoas de tripulação.

Alchides, hiate portuguez, mestre P. J. Ferreira, para Vianna com vinho e pedra; 7 pessoas de tripulação.

Flor de Santos, bateira, mestre José Maria, para Setubal com encomendas; 6 pessoas de tripulação.

Viajante, brigue portuguez, capitão A. F. dos Reis, para Benguella e Louanda com vinho e fazendas; 14 pessoas de tripulação e 2 passageiros, que são: João José de Moraes, Antonio Nunes de Miranda, caixeiros portugueses.

Linda, barca portugueza, capitão A. J. dos Santos, para o Maranhão com varios generos; 17 pessoas de tripulação e 21 passageiros, que são: Antonio Ramos de Azevedo, com duas pessoas de familia; José Joaquim de Azevedo Almeida, com duas pessoas de familia; Torcato Eluterio B. de Lima, Pedro Martins, Luiz de Serra Pinto, com 6 pessoas de familia, negociantes; João Martins Marques, Antonio da Costa Maia, Francisco da Silva, Joaquim Lopes Lobão, José Dias Alves de Sousa, Claudino de Araújo Guimarães, sem empregos; portugueses.

Nereide, barca portugueza, capitão N. A. de Oliveira, para o Pará com sal, vinho e mais generos; 14 pessoas de tripulação e 2 passageiros, que são: Raphael da Rocha Franco, estudante portuguez; José Gomes de Oliveira, estudante brasileiro.

D. Pedro, paquete inglez a vapor, capitão W. Kennedy, para Aveiro e Glasgow em lastro; 16 pessoas de tripulação.

Jarco, patacho portuguez, capitão J. M. Coelho Sobrinho, para Pernambuco com vinho, batata e mais generos; 10 pessoas de tripulação.

Minerva, brigue portuguez, capitão F. P. Girou, para a Bahia com vinho, azeite e mais generos; 12 pessoas de tripulação e 1 passageiro, que é Feliciano José de Moraes, caixeiro portuguez.

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Frankfort, paquete inglez a vapor, capitão H. Bonfellow, de Liverpool em 9 dias, com fazendas e ferro, á G. A. Hancock & Comp.; 22 pessoas de tripulação e 2 passageiros. Entrou hontem ás 8 horas da noite.

Scotia, vapor inglez, cap. J. P. Jetter, de Constantinopla em 18 dias, e de Malta em 10, com cereaes e mais generos, á G. A. Hancock & Comp.; 41 pessoas de tripulação, e 10 passageiros, que são: J. Clark, R. Dible, W. Castage, T. Stark, F. Hucksitt, C. J. Bullen, C. Warder, J. Ayr, J. Gant, C. Beal, marítimos, ingleses. Destina-se para Liverpool e vem aqui receber carvão. É da força de 150 cavallos.

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo, dito...	5900
Feijão preto, dito...	5550
Grão, dito...	5700
Fava, dito...	5600
Batata, arroba...	5300
Azeite, alqueire...	13900
Vinho, dito...	13400

EMBARCAÇÕES SAÍDAS

Trigo branco, alqueire... 5700 || Milho grosso, dito... | 5500 |
Centeio, dito...	5450
Cevada, dito...	5500
Feijão branco, dito...	5900
Feijão amarelo,	